

## APRESENTAÇÃO

Quando Iara Beleli apareceu com a idéia de fazer uma homenagem aos cinquenta anos de *O Segundo Sexo*, a primeira coisa que pensei foi “Simone não ia gostar”. Depois, vendo as comemorações em outros países e o entusiasmo de várias pessoas de minha geração pelo tema, mudei de idéia: lemos e relemos recortes de jornais antigos, revimos velhas fotografias e ficamos emocionadas – essa senhora de fato merecia uma homenagem. O século está acabando e os feminismos deste século devem tudo, ou quase, a ela.

Várias pessoas nos contaram as inúmeras histórias que circulam sobre a visita dela ao Brasil, ainda que tenham ficado acanhadas de pô-las no papel; outras começaram a lembrar eventos como o filme sobre ela na Aliança Francesa, onde tantas de nós nos encontramos, e as que escreveram foram ficando emocionadas ao reler coisas de vinte, trinta anos atrás. Cada uma de nós, a sua maneira, se relacionava com Simone e com seus escritos de uma maneira peculiar, mas para nós todas ela tinha sido uma marca, uma influência, ainda que indireta. Foi difícil escolher uma fotografia para a capa – a belíssima foto do prêmio Goncourt, ou as fotos no café de Flore? Ou uma com o famoso turbante (teria sido ele uma influência remota de Carmen Miranda na moda dos anos quarenta)? Além das tantas fotos dela com Sartre e Jorge Amado, que fizeram sucesso aqui nos anos sessenta...

É cedo para avaliar a sua contribuição à literatura feminista ou de ficção – mas todas nós temos certeza sobre o impacto que essa literatura teve sobre nós e sobre o feminismo. Acho que ele está bem expresso num cartaz que recebemos do CIPAF, em comemoração ao dia da mulher, e que mostra uma menina negra, de costas, lavando louça, enquanto sobre ela passam vários símbolos das atividades masculinas na sociedade (*skates*, máquinas, aviões) e no qual está escrito: “no la limites, ella es una

## Apresentação

mujer del siglo XXI”. Creio que Simone teria gostado desse cartaz – tanto por ser do ‘terceiro mundo’, que, a partir de um certo momento de sua vida intelectual, passou a ocupar uma parte importante em seus escritos, quanto por ter como tema uma menina. A menina que ela foi, e que forjou a escritora, é um tema que perpassa várias das contribuições a este número: a menina bem comportada do título de seu livro quase mais famoso do que *O Segundo Sexo*, e que nos leva a refletir sobre as meninas e meninos de hoje. Tão ciosa como era da linguagem, Simone de Beauvoir certamente teria anotado em seu diário a data de hoje: 26 de outubro de 1999, um dia depois de uma terrível rebelião na Febem, e dia em que um dos jornais mais importantes de São Paulo baniu de sua primeira página a palavra **menor**, de tão triste história: todos os textos se referem às **crianças** lá internadas. A revolução na linguagem, a qual ela estava sempre tão atenta, pode estar começando a sinalizar uma revolução nas mentalidades... Simone de Beauvoir ou a força da frase. A frase na qual ela se tornou, a famosa frase da epígrafe de seu livro, mas também todas as frases de uma autobiografia que é possível reler como uma parte importante da história deste século.

O dossiê sobre Simone de Beauvoir começa pelo belo artigo de Eleni Varikas, que tematiza o que significa ser mulher justamente a partir daquela famosa frase, que lhe inspira uma reflexão filosófica e linguística – depois de uma incursão pelo mundo da infância e das histórias em quadrinhos (mas ela esqueceu *Nioka – a rainha das selvas*, ou será que esta não chegava à Grécia?) que nos leva a pensar que se tão cedo se aprende a distinção socialmente construída entre os sexos, é bem cedo também que aprendemos, como dizem as crianças, quem são **os do bem** e quem são **os do mal**: quem sabe as discussões sobre gênero e justiça devam andar juntas?

O artigo de Sylvie Chaperon, que foi uma das organizadoras das comemorações em torno do cinquentenário do livro de Simone em Paris, recupera o transtorno que ele causou, à esquerda e à direita no espectro político francês, ao ser publicado

em 1949. Os dois artigos seguintes são duas homenagens dentro da homenagem: a primeira a Beth Lobo, madrinha do Pagu, que guardava carinhosamente um dossiê com notícias sobre Simone e no qual encontramos esse texto; a segunda a Lygia Fagundes Telles – que, também em 1949, entrava com pompa na cena da literatura nacional, ao receber o prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras pelo livro de contos *O cacto vermelho*. Não sei se terá sido a primeira vez que a Academia premiava uma escritora, mas o prêmio certamente causou impacto cinquenta anos atrás. Walnice Nogueira Galvão, com sua elegância usual, faz o esquema de uma análise possível da Simone escritora – sua auto-definição preferida. Cláudia Lemos aponta trechos cruciais das *Memórias de uma moça bem comportada*, mote retomado por Marco Aurélio Garcia: nem tão bem comportada assim, sugerem os artigos de Maria Lygia Quartim de Moraes e de Maria Luiza Heilborn, analisando seus amores e amizades – tema retomado de outro ângulo por Tania Navarro Swain. Partindo de uma análise que é um belo contraponto à de Sylvie Chaperon – como o livro está sendo lido **hoje** pelos mais jovens? – Sandra Azerêdo vai alinhavando observações sobre um diálogo possível entre Simone e outras teóricas feministas. Marlise Almeida continua a responder à pergunta que Sandra se coloca no início do artigo, lembrando a sua própria leitura, quando o livro já tinha mais de trinta anos, e Heleieth Saffiotti retoma a questão de gênero, pela qual começamos, por um viés pessoal; com a coragem de sempre, lembra seu desencontro com Simone, desencontro que é uma outra parte dessa história.

Há muitas pessoas a quem devemos agradecer por terem tornado este dossiê possível: em primeiro lugar às autoras que se dispuseram a escrever, particularmente à Lygia Fagundes Telles por ter autorizado tão gentilmente a re-edição de seu texto de 1978 e do qual ela não se lembrava; às integrantes do Pagu, especialmente Suely Kofes, que telefonaram, mandaram e-mails, escreveram para tantas autoras, em muitos casos com sucesso; à Vera Rita da Costa, que montou um dossiê com as notícias sobre

## Apresentação

Simone na imprensa brasileira e a Marco Aurélio Garcia, que nos emprestou o dossiê de Beth e trouxe a fotografia para a capa; aos tradutores que toleraram nossa persistente busca de precisão dos textos... E também a Arakcy Martins Rodrigues, Marilyn Strathern e Michelle Perrot, que não puderam escrever uma contribuição, mas nos mandaram sua benção.

As outras seções deste número 12 seguem o padrão habitual de nossos *Cadernos*: por se tratar de um volume em homenagem a Simone, a contribuição inicial, de Teresa Joaquim, tematiza uma das questões que ela trouxe para a agenda feminista, a da recusa à maternidade – e inicia uma colaboração que esperamos seja permanente com nossas parceiras do Convênio com a Universidade Aberta de Lisboa. Millie Thayer, Sara Poggio e Leonora de Luca continuam a tratar de temas que tem estado na nossa pauta de discussões: o corpo, a raça, a recuperação da memória sobre personagens femininas. Jeffrey Tobin, Mônica Raisa Schpun e Norma Telles retomam, por sua vez, o debate sobre a relação entre o feminino e o masculino, iniciado no número anterior. O texto de Norma Telles foi, também, mais uma das tantas coincidências com que nos deparamos ao montar este número: o romance que ela analisa trata de um casal vivendo à la Simone e Sartre, no Rio Comprido, em 1890...

Mariza Corrêa